

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: HISTÓRIA INTELLECTUAL E CULTURA ESCRITA: DESAFIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O dossiê reúne pesquisas que problematizam temas relativos a desafios teóricos e metodológicos da História intelectual e da cultura escrita. Ao planejarmos o presente dossiê, buscamos pensar a cultura escrita em suas práticas mais diversificadas, associadas a intimidade, ao mundo editorial, a grafites urbanos e até mesmo, ao grafismo indígena. Essa abordagem abrangente de cultura escrita, sem perder de vista as categorias a ela relacionadas como oralidade e leitura, está associada às novas formas de problematizar o lugar e as definições do intelectual, ao considerar artistas, pensadores, filósofos e cientistas reconhecidos pelo público, mas também, aqueles que durante muito tempo produziram à margem do cânone e por meios e suportes diversos.

Nesses termos, nos interessaram os aspectos da sociabilidade através das redes intelectuais: envio de missivas, intercâmbio, dedicatórias e trocas de livros; os lugares de encontro: bibliotecas, livrarias, cafés e bares; as formas de constituição de si como um pensador: o trabalho de leitura, escrita e produção artística; as instituições: os ateneus, academias literárias, institutos históricos e geográficos e universidades; o próprio pensamento fruto de referências precisas ou incertas que levaram a produzir obras ou falar em nome de determinada tradição e instituição. Nesse limiar, buscamos também promover esse encontro da História intelectual com a cultura escrita em relação com a historiografia, na medida da historicidade das formas de lidar com o passado por meio da escrita e da criação intelectual. Nos interessa discutir a relação entre a produção intelectual/artística e as formas de existência assumida pelos intelectuais. Por isso, as pesquisas reunidas nesse dossiê exploram experiências narrativas diversas, através da problematização de obras artísticas e livros impressos, mas também, de autobiografias e biografias, das cartas, dos diários, das revistas culturais, dos discursos públicos e panfletos.

Quem diz escrita, diz leitura, mas diz, principalmente, oralidade, dado que as culturas escritas, tal como já observaram inúmeros estudiosos, nascem nas culturas orais. Assim, o intelectual não está restrito à prática da escrita. A atividade intelectual está presente no texto, na voz e na apropriação leitora.

Além disso, o intelectual se manifesta na plasticidade de grafismos, desenhos, pinturas e esculturas, por meio da voz, de um instrumento musical, do corpo e todo tipo de linguagem artística ou criativa. Ele escreve e é lido e seu texto ou produto criativo deve ser analisado tendo em vista o diálogo que estabelece com regimes e modalidades discursivas e interpretativas nas quais está inscrito, tendo em vista a medida de sua inscrição, isto é, a forma como acompanha ou subverte esses regimes e modalidades.

A atividade intelectual está diretamente ligada às condições de produção, circulação e apropriação, conforme se organizam as práticas e os usos relativos à elaboração e à reação ao produto intelectual em uma época. Por isso, importa lembrar que o produto da atividade intelectual é apresentado, lido, decodificado ou apropriado em um suporte material ou virtual, no código ou na tela. Com tudo isso, consideramos necessário ampliar as possibilidades de constituição de objetos e formas de análise do intelectual e da cultura escrita. Do oral ao escrito, do anônimo ao ilustre, do artista contemporâneo ao intelectual pré-colonial, o presente dossiê apresenta diversas possibilidades de análise interdisciplinar e histórica das práticas intelectuais que se manifestam em diferentes linguagens.

O primeiro artigo, *La palabra que se escucha*, de autoria Diana Rodríguez Vértiz, apresenta justamente essa que foi uma preocupação fundamental de estudiosos da cultura escrita: a oralidade. Importantes autores já chamaram a atenção sobre as práticas orais legadas pelo escrito ou pelo impresso. Neste sentido, a autora apresenta a importância da oralidade na poesia de modo a expandir a ideia que temos do livro e a romper a falsa dualidade entre culturas ágrafas e culturas mediadas pela escrita, permitindo pensar os textos para além do tradicional suporte impresso.

Se a oralidade é fundamental para os estudos da poesia, assim também o é para os estudos filosóficos. Nesse sentido, no texto *A influência das doutrinas não escritas na interpretação da obra de Platão*, Rogério Garcia Mesquita demonstra como a compreensão das práticas orais no mundo helênico passou a ser uma exigência para o estudo dos textos da filosofia clássica, principalmente da obra de Platão. Segundo o autor, as doutrinas não escritas reveladas pela chamada tradição indireta proporcionam novas leituras dos textos de Platão, especialmente alguns pontos obscuros dos seus diálogos.

Uma vez esclarecida a importância fundamental da oralidade para os estudos das culturas escritas e a partir do entendimento de que tanto essas, quanto a atividade intelectual de maneira geral, exigem análises que devem levar em conta essas três dimensões ditas mais acima – a produção, a circulação e a apropriação. Desse tripé, a apropriação leitora é a mais desafiadora por se tratar de uma atividade, antes de mais nada, profundamente subjetiva, para além da objetividade que possa ser exigida pelo autor tendo em vista a expectativa em seu horizonte. A leitura é algo sempre difícil de capturar, de circunscrever, mesmo a partir de métodos refinados de pesquisa. Por isso, o texto *A leitura*

como *melancolia*, de autoria de Ana Paula de Oliveira, cumpre uma função elementar para o dossiê ao analisar uma experiência de leitura do escritor e jornalista José Castello. Ao ler os versos de *Melancolia (variação)*, de Nuno Júdice, Castello evocou as memórias do tempo de sua convivência com o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto e defendeu uma análise rigorosa da melancolia, estabelecendo elos entre o psicanalítico e o literário. Em seu texto, a autora sugere que Castello realiza um modo melancólico de leitura que se configura como um caminho para a compreensão dialética da memória, “que oscila entre lembranças conscientes e inconscientes, e que, tais memórias instauram, no presente, um vazio”.

No artigo *Racismo, degenerescência e temporalidade: uma análise das teorias Raciais de Julius Evola*, Cassio Barbieri analisa as relações entre as teorias racistas, principalmente a partir da obra do intelectual italiano Julius Evola, e as concepções ou experiências temporais. O autor não apenas demonstra que as teorias raciais fascistas da primeira metade do século XX eram diversas, como também suas concepções de tempo, principalmente ao se colocarem abertamente anti-modernas em seu modo de pensar a história, caracterizando-se assim por uma concepção heterocrônica, isto é, marcada por modos heterogêneos de pensar o tempo, uma vez que articulavam uma historicidade moderna, aberta ao futuro, e uma forma de historicidade que se volta a um passado, ao ideal antigo, a ser reconstituído no porvir. Num momento em que se observa o retorno de movimentos fortemente caracterizados pelo racismo e pelo neofascismo na política, estudos como o de Cassio Barbieri se tornam fundamentais para compreender a emergência de pensamentos autoritários na atualidade.

No artigo *A afetividade como construção social: a teoria das emoções no arcabouço filosófico do socioconstrucionismo*, Diego Abreu discute as emoções como elemento para a construção social. Buscando traçar uma história das ideias, problematiza o inicial afastamento da afetividade na história do pensamento e o aparecimento deste tema no seio do socioconstrucionismo do século XX.

Em seu artigo *Por uma História intelectual à margem*, Ricardo Machado recorre a uma forma narrativa que mimetiza manifestos para defender o necessário alargamento da concepção de intelectual no mundo contemporâneo e suas consequentes implicações na escrita de uma história intelectual. Em um discurso direto, ainda que sustentado com a bibliografia do campo, demonstra a emergência da noção de intelectual, seus desdobramos e seu possível desaparecimento. Como forma de readequá-lo ao mundo contemporâneo, o autor defende a aproximação da história dos intelectuais com história da cultura escrita, permitindo problematizar os diferentes trânsitos e usos das práticas orais e de escrita, percebendo outros espaços de sociabilidade que não aqueles exclusivos do cânone ou circulantes nas grandes metrópoles culturais modernas.

Por último, Fernando Vojniak resenha o livro de Roger Chartier intitulado *Mobilidade e a Materialidade dos textos*, publicado em 2020 pela editora Argos. Além de apresentar os temas do livro, Vojniak faz uma interessante discussão sobre a recepção e a circulação da obra do historiador francês no Brasil.

Organizadores
Ricardo Machado¹
e Fernando Vojniak²

1 Professor do curso de história da UFFS – Campus Chapecó.

2 Professor do do curso de história da UFFS – Campus Chapecó e do PPGICH – Campus Erechim.